Quintais urbanos – canteiros de bem-viver

Fátima Guedes de Araújo[1], Elisa Vieira Wandelli[2]

[1] fafemea@hotmail.com, [2] elisa.wandelli@embrapa.br

Tema Gerador: Agroecologia e Agriculturas Urbana e Periurbana

Apresentação

A questão ambiental fizera-se inquietação comum em todo o Planeta. A produtividade de alto impacto não encontra, da parte de governos e de mercados, atitudes e comportamentos compatíveis às urgentes necessidades ambientais. Na contramão, populações tradicionais, ambientalistas e movimentos sociais se mantêm em permanente alerta e resistência na perspectiva do bem-viver fundamentado Nos princípios da organização social, político-econômica e convivência fraternal com outros seres e com a Terra. O modelo opõe-se ao "*bem-estar social",* de 1929, quando o Estado interviera na economia elegendo a Terra fonte de exploração e consumo.

A construção do *bem-viver* constitui-se urgente desafio, a começar pela reinvenção de paradigmas de desenvolvimento aliados aos saberes tradicionais e suas relações bioculturais. "Quintais Urbanos – Canteiros de Bem-Viver" expressam-se nessa perspectiva. Historicamente, caracterizam-se como espaços para pequenos cultivos e ainda para folguedos comunitários. O objetivo desse relato é visibilizar a memória ameaçada e potencializar o desafio agroflorestal da cidade de Parintins/AM promovido pelos movimentos socioambientais TEIA (Teia de Educação Ambiental e Interação em Agrofloresta) e Articulação Parintins Cidadã.

Contextualização da experiência

O município de Parintins está localizado na 9ª sub-região do Baixo Amazonas, com sede na Ilha Tupinambarana, à margem direita do Rio Amazonas. Com uma população estimada em 111.575 habitantes (IBGE, 2015) e 5.951.200 km² de território. Ao norte da Ilha está a Baixa do São José, Bairro localizado na curva que acolhe o Rio Amazonas. Ali, há mais de 100 anos, famílias habitavam em áreas aproximadas em 500 m2. Cultivavam espécies vegetais variadas, pequenas criações, além de tucumanzeiros, importantes na alimentação dos ilhéus e com repercussão no mercado**.** Um símbolo da Baixa foi o terreiro onde nasceu Lindolfo Monteverde, pescador, criador do Boi Bumbá Garantido, um folguedo Amazônico. Via urbanização, os amplos terreiros da Ilha transformaram-se em pequenos lotes (300 m2 e até 80m2). A necessidade de moradia incidiu na divisão e redistribuição de espaços entre familiares.

O quintal ou pomar caseiro é uma área com plantação dominada por árvores, na ordem de um hectare, aproximadamente, que a maioria dos nativos da Amazônia tem ao redor de casa. É um patrimônio cultural importante que precisa ser valorizado, preservado e mantido não apenas pelos nativos, mas por quem chega para morar na Amazônia. Os quintais produzem alimentos sadios e livres de agrotóxicos. Além de produzirem nutrientes e vitaminas, fornecem medicamentos para toda a família. Nos quintais, os agricultores podem fazer suas experiências agrícolas, com menor risco econômico, ambiental e social e as famílias exercem deliberadamente princípios da agroecologia e da agricultura orgânica. A Agrofloresta è o sistema que oportuniza o uso do solo para a produção agrícola e florestal obedecendo-se a princípios ecológicos de sustentabilidade, via interação positiva entre componentes florestais, frutíferos, culturas anuais, animais e etc. Reafirma-se a importância da revitalização dos Quintais haja vista o conjunto de influências positivas econômicas, ambientais, culturais e à soberania alimentar.

Desenvolvimento da experiência

Recriando Quintais Urbanos

A crise ambiental somada ao êxodo rural forja, necessariamente, a reinvenção de Quintais Urbanos, sobremaneira, na Ilha Tupinambarana. A comprovação está nos diálogos e visitas aos quintais. Dos bairros ao centro da cidade, há sutis percepções. Nos primeiros, mesmo acanhados, a memória coletiva é mais notória. Porém, na Avenida Amazonas, via principal da cidade, os 100m2 de Quintal do Professor Paulo Roberto Macedo, 56 anos, graduado em Economia e Educação para o Desenvolvimento Sustentável, fazem a diferença. Ele nasceu e cresceu na cidade. Atesta que, já na infância, cultivava afinidades com a agricultura: “Vivi minhas férias no interior, ajudando meu pai nos plantios, com os animais. […] O sentimento reacendeu no curso de Desenvolvimento Sustentável onde adquiri informações úteis para desenvolver a agricultura em plena cidade. Isso aqui é um consorciado agroflorestal urbano, uma comunidade de vegetais, animais, e qualidade de vida.” E destaca os benefícios à saúde: “Como do que planto e resolvo meus problemas de saúde com a fitoterapia desenvolvida aqui. Enfim, garanto sustentabilidade e bem-viver”**.** “Galharia, folhagem e resíduos orgânicos é trabalho pras galinhas, patos, jabutis e perus. Após consumirem o que interessa, vem meu ‘trator’ (o porco). Remexe e mistura tudo. Por fim, o sol e a chuva completam o serviço”, descreve ele, situando seu propósito como adepto da compostagem. E rememora as influências: “é impossível isolar o campo; é o campo que fornece a dinâmica operacional e a memória cultural”. Aquele Quintal é o perfil de uma mini-agrofloresta

urbana (360 m2). O cultivo diversificado contribui no equilíbrio do solo, na temperatura e em alimentos saudáveis. Sobre as violações ao meio ambiente, Paulo considera-se "impotente diante de tanta injúria", destaca: "Enquanto vamos de baladeira, o mercado se arma de propagandas, tecnologias, de venenos e máquinas. Apenas resisto e insisto nos saberes tradicionais", enfatiza. E conclui: "O caos socioambiental me instigou à harmonia com a natureza. Saio de casa o mínimo. Há um vazio de interlocutores. Meu quintal é fonte de inspiração e de criatividade para gerar renda e qualidade de vida".

É a vez do quintal do Sr. Davi Ferreira de Souza Filho, o *Vivi*, na Rua Raimundo Almada, Bairro Itaguatinga. Tem 80 anos, ensino médio, aposentado. Vivi comprova que memórias de Quintais Urbanos em Parintins advêm de experiências do campo. "Tudo aqui são lições de casa. A terra onde nasci era toda plantada e ajardinada. Ali, se dialogava sobre a importância da terra. Há 35 anos me mudei pra cá. Insisto reproduzir um pouquinho do meu interior. A harmonia ali é indescritível: flores, árvores, ervas aromáticas, além do *balcão*1 com hortaliças. "Minha vida e minha saúde estão aqui", afirma. "Com meus pais, aprendi que sou natureza. Nasci natureza. Violentar qualquer ser por menor que seja, formigas ou fungos, é violência a mim. A natureza devolve o que recebe", explica ele. A ausência de interlocutores orientados sob vivências que influenciem a melhoria da paisagem urbana lhe causa tristeza: "A ignorância domina. Essas informações não ficam. Quem comanda é a televisão e tecnologias perversas que destroem saberes e senso de humanidade", afirma ele. Após a visita, na despedida, instiga: "Quintais com flores, frutos, cheiros, sem água empossada e lixo dependem da escola, família e governantes. Somos responsáveis. A construção divina será sempre por mim adorada".

No Bairro Palmares, Rua 7 de Setembro, área de 150 m2, Dona Maria da Conceição das Neves, Dona *Cecé*, 77 anos, cozinheira aposentada, produz a vida entre concreto e plantações: "Tudo isso vem comigo do interior. Com sete anos, já trabalhava na roça com minha avó. Ali, nossa vida era muito feliz; tinha muita fartura. Meu pai era pescador e também plantava". Descreve o Quintal: "Aqui era tudo terra. Meu filho casou e fez a casa. Foi uma teima pra não tirar todas as plantas. Aí, misturou tudo: uma parte pras plantas medicinais e pro balcão de cheiro-verde". Comenta sobre a morada e se reporta às plantas. "Todas são importantes e queridas. São minhas filhas. Quando meu filho desgalha as árvores é muita briga. Não gasto com farmácia. Aqui eu tenho saúde". No Quintal, Dona Cecé compensa a saudade do campo. "Nunca mais voltei lá. Não dá vontade. Não é mais do mesmo jeito. Pra matar a saudade, cuido do meu quintal e do de minha nora". E não esconde a dor pela morte dos quintais urbanos.

1

"Fico sem palavras. Ninguém planta mais nada. Tudo tá se perdendo. Só se vê quintal abandonado e lixo. Nem autoridades, nem escolas se interessam. É muita tristeza". Dona Cecé, ao fim da breve conversa, deixa o recado: "falem pro povo cuidar melhor dos seus quintais. É o que ainda resta pra nós da cidade. Isso tudo é importante pra nossa vida, pros nossos filhos, netos. Pra nossa saúde e também pro mundo".

Figura 1: Dona Cecé entre o verde e o concreto.

Desafios

No desafio, forças sociais da Ilha tecem a TEIA (**Teia de Educação Ambiental e Interação em Agrofloresta**) durante o II Fórum Ambiental promovido pelo Projeto de Extensão – Arborizando o ICSEZ2 para uma Vida Sustentável, na Universidade Federal do Amazonas/Parintins. A TEIA confronta "Mundo em Rede": na simbologia amazônica, 'rede' é instrumento de descanso. Já a TEIA faz associação ao habitat da aranha: flui de um núcleo biótico, expande-se para o adiante, num perene vir-a-ser. Via teçume sutil e criativo a aranha oportuniza a sustentabilidade da espécie, do habitat e da vida.

2

Figura 2- Logotipo da TEIA (Teia de Educação Ambiental e Interação em Agrofloresta)

Principais Resultados alcançados

Embora tímida a experiência, já se comprovam vivências, na cidade de Parintins. Um dos idealizadores, professor da UFAM, Edilson Costa Albarado, 37 anos, pedagogo, especialista em Educação Ambiental Urbana e mestre em Sociedade e Cultura na Amazônia, tece considerações: A TEIA é prática; é troca de experiências e cuidados com a vida. É educação ambiental aplicada cujos reflexos são visíveis na cotidianidade dos adeptos. Adere à TEIA quem acredita que é possível viver de forma saudável com árvores e calçadas; com cultivo de frutos, flores, verduras, plantas medicinais... Por se tratar de uma 'semeadura' simples e exequível a espaços e públicos, já se verificam adesões entre os de boa vontade, embora em processo ensaísta. Outra preocupação da TEIA é o lixo, haja vista a omissão institucional sobre a Política Nacional dos Resíduos Sólidos. Via TEIA, embalagens são recolhidas, selecionadas semanalmente por cada 'aranha' e entregues aos catadores. É isso: a TEIA é bem-viver.

A consolidação da TEIA na Ilha Tupinambarana exige desafios, afirma o ambientalista. "A herança indígena presente em nossas vivências aponta o Bem-Viver, caminho de sustentabilidade e equilíbrio ambiental. Que os Quintais se transformem em espaços de acolhimento, fonte de alimentação e convivência saudável". Em síntese, a TEIA é um 'canteiro' para semeadura de qualidade de vida onde adultos, jovens e crianças se elegem aranhas da sustentabilidade agroflorestal urbana.

Os encaminhamentos ousam em revitalizar vivências tradicionais, aproveitamento dos Quintais Urbanos nos princípios da agrofloresta. Ao mesmo tempo, oportuniza o debate sobre parâmetros desenvolvimentistas de ocupação urbana. O desafio está posto: debate público, protagonismo popular, sensibilização, senso de pertencimento, adoção e aproveitamento de espaços urbanos para cultivo de árvores, hortas, jardinagem... Em resposta, certamente, as cidades revitalizar-se-ão com flores, frutos, sombra, folguedos e relações harmoniosas entre todos os seres.

Disseminação da experiência

Feira dos Quintais

Para sensibilizar que mais moradores da cidade de Parintins conservasse, ampliasse e implantasse quintais agroflorestais urbanos realizou-se concursos dos quintais mais agrobiodiversos e realiza-se mensalmente a Feira dos Quintais que è uma oportunidade de trocas e comercialização de produtos agroflorestais urbanos e principalmente uma forma de fortalecer os laços bioculturais, melhorar a segurança alimentar e ao mesmo tempo gerar renda às famílias que mantêm os quintais agroflorestais agroecológicos urbano. A Feira dos Quintais tem sido um sucesso e estimulado mais moradores de Parintins a conservar, manter e implantar quintais agroflorestais, e assim gera renda, melhora a alimentação fornecendo produtos orgânicos, além de melhorar a qualidade ambienta de Parintins.